



UNICAMP

EVENTO: YO-YO-MA DECIDE EXPLORAR TODOS OS GÊNEROS

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 12 abr 96

PÁGINA: D5

SEÇÃO: CADERNO 2



Yo-Yo Ma decide explorar todos os gêneros



Yo-Yo Ma: "Interesse-me por qualquer som, porque quero conhecer o que alguém quis, em algum momento, falar sobre povos e países"

Assim como faz parte de diversas culturas — ele é de origem chinesa, nasceu na França e mora nos EUA —, o violoncelista, que se apresenta no Brasil em junho, faz experimentações que vão do erudito ao country

CARLOS HAAG
Especial para o Estado

Seu nome pode até ser pequenino, mas sua paixão por músicas e culturas é das mais avantajadas. Filho de pais chineses, nascido na França, naturalizado americano, o violoncelista Yo-Yo Ma atribui a essa sua mistura o seu lado inquieto e curioso sobre os diferentes tipos de sons — do erudito ao jazz, da música country aos eletrônicos, de orientais a brasileiros, em especial Villa-Lobos, de quem fala com respeito e conhecimento de causa.

"Se não fosse músico, gostaria de ser antropólogo", revela, enquanto discorre, empolgado, sobre como a música não deve ser restrita a si mesma. O resultado dessa paixão pelo conhecimento pode ser percebido em suas interpretações livres e de grande lirismo, seja como solista, seja como músico de câmara, ao lado de Isaac Stern ou Emmanuel Ax.

Essa curiosidade por tudo o que se pode chamar música, longe de o dispersar, fez dele um dos grandes nomes do cello atualmente. Num ascensão meteórica, Ma, em pouco tempo, estava solando com Bernstein e Karajan, além de gravar obras de câmara com maturidade impressionante. Empolgado com os concertos que fará no Brasil, em junho, no Cultura Artística de São Paulo, Yo-Yo Ma falou — e, também, inesperadamente, perguntou muito ao fim da entrevista — ao Estado.

Estado — **Mischa Maisky descreve sua paixão pelo cello em termos quase sexuais. Como você descreveria a sua relação?**

Yo-Yo Ma — (Risos) Mischa tem um jeito colorido de descrever que adoro. Mas prefiro ver o cello como a corda vocal de um cantor que não se restringe à garganta. Tocar um instrumento é fazer dele parte de seu corpo e alma e, quanto mais ele faz parte de você, mais maravilhosamente humano ele soará. Cabe a você usá-lo, então, para expressar essa mensagem.

Estado — **Que prazer só a música de câmara dá ao intérprete?**

Yo-Yo Ma — Ela é a base de toda e qualquer atividade musical. Mesmo que você toque na última estante dos segundos violinos de uma orquestra, essa só funcionará se todos sentirem a responsabilidade mútua pelo som. Às vezes, após solar, sento-me no fundo da orquestra para tocar uma sinfonia e é uma das melhores experiências musicais: estar onde todos dependem uns dos outros e se ouvem. Nesses momentos, sinto-me perto de algo maior, fruto das individualidades. Isso é música de câmara.

Estado — **É esse o segredo da química perfeita de seu duo com o pianista Emmanuel Ax?**

Yo-Yo Ma — Sim, com um adendo. A vida sempre nos pede para crescer e, como em qualquer relacionamento, é preciso crescer individualmente para depois crescermos juntos. Como Manny (Emmanuel Ax) e eu não tocamos sempre juntos, quando separados temos experiências ótimas que gostamos de trocar ao nos reencontrarmos. Algo como: "Veja, aprendi isso, que tal experimentarmos?" É excitante quando funciona.

Estado — **Cada vez mais você se dedica a estudar a música do Oriente. Suas raízes chinesas refletem em seu trabalho?**

Yo-Yo Ma — Sou uma combinação de muitas culturas e até mesmo o ser americano já impli-

mais misturas. Como resultado interesse-me por saber o que faz uma cultura ser aquilo que é. Por isso, tenho uma grande expectativa em minha ida ao Brasil, um lugar fascinante para alguém que, como eu, se não fosse músico, seria antropólogo.

Estado — **Sei que você passou maus bocados durante a gravação do *Tríplice*, de Beethoven, com Karajan. Como foi enfrentar a "ira divina"?**

Yo-Yo Ma — Como você soube disso? Aposto como foi o Mark Seltzer. (Nota: Foi mesmo o pianista.) Eu e Anne-Sophie Mutter éramos ambos muito jovens e Karajan, ao nos convidar, já tinha em mente o som que queria gravar: estávamos ali para seguir suas instruções. O resultado foi bom, mas só se ouve a personalidade de Karajan. Ele, aliás, gostava de contar uma história da gravação com Richter e Rostropovich, que reclamava da lentidão do segundo movimento. Ele se virou para o cellista e disse: "Você só está sentado aí porque sei que consegue tocar do jeito que eu quero." Arrepiante, não?

Estado — **Você acaba de regravar o concerto com Daniel Barenboim. Foi uma experiência mais tranquila?**

Yo-Yo Ma — Sim e muito tocante. Danny, durante todo o tempo em que Jackie esteve doente (Nota: a cellista Jacqueline Du Pré, mulher do maestro, sofria de esclerose múltipla), não conseguia tocar com outros cellistas. Mesmo depois de tanto tempo de sua morte, Danny lembrava-se dela a cada momento em que eu tocava. Para mim foi um grande privilégio ter acesso a esse passado dos dois.

Estado — **Erudito, jazz, country, eletrônico. O que você busca ao tocar tantos estilos diferentes de música?**

Yo-Yo Ma — Acho que hoje separaram muito as várias formas de música em categorias diferenciadas externamente, apesar da igualdade interna dessas formas. Interesse-me pelo que qualquer som tem a dizer, porque, no fundo, quero conhecer o que alguém quis, em algum momento, falar sobre povos e países. Cada tipo de música carrega essas mensagens e, entendê-las e comunicá-las bem, eis aí o que entendo pelo verdadeiro métier de um músico.

Estado — **Você já compôs arranjos para o cello. Sua curiosidade não o leva também à regência?**

Yo-Yo Ma — Compor, tudo bem, mas minha mulher me fez prometer que nunca regeria (risos). É algo difícil, infinito como o repertório de orquestra e não me deixaria tempo para refletir e pesquisar. Por exemplo, meu amigo Aldo Parisot contou-me que há muita música de Villa-Lobos perdida em arquivos e museus e eu gostaria de descobri-las. O bom da vida é poder descobrir essas criações do passado e trazê-las à vida para as futuras gerações. Adoro fazer isso.

Estado — **Qual a sua opinião sobre Villa-Lobos?**

Yo-Yo Ma — Ele foi tudo o que um músico gostaria de ser, em termos do que descrevi para você sobre a minha visão de um músico. Estudou música, pesquisou o passado e o combinou com a sua forma de compor. Acho que sua voz é única no mundo da música e não consigo pensar em algo que soe como suas obras, com aquela intensidade que só os grandes possuem. Gosto de obras que revelem as qualidades únicas de um povo, codificando-as de modo a torná-las multidimensionais e universais. Villa-Lobos fez tudo

Músico virou ídolo dos americanos

Respeitado no mundo todo como solista, ele também se arrisca em parcerias ousadas

Você já ouviu *Yo-Yo Ma*? Não, não me refiro ao cellista, mas à música no estilo de Chuck Berry feita pelo conjunto Bis-Quits, uma banda de rock do Tennessee. Acho que isso já dá uma idéia de como Ma transformou-se num ídolo dos americanos, além da posição internacional privilegiada.

Que ele faz por merecer. Nascido em Paris em 1955, filho de chineses, Ma começou seus estudos aos 4 anos com o pai, também violoncelista. Transferindo-se para New York, os Ma logo colocaram o filho para estudar na tradicional Julliard com ninguém menos do que Leonard Rose.

Logo o jovem Yo-Yo aparecia na TV num dos programas educativos dirigidos por Leonard Bernstein, que o apresentou ao meio musical nova-iorquino. Graduado da Universidade de Harvard, Ma, aos 19 anos, já era comparado pelos críticos a mestres como Rostropovich e Pablo Casals.

Grande solista, Ma gravou o *Tríplice* com Karajan, ao lado de Mutter e Seltzer, mas acabou ganhando o respeito internacional por seu trabalho como músico de câmara, em concertos como *Isaac Stern e Seus Amigos*, no Carnegie Hall, e pela parceria certa com o pianista Emmanuel Ax, com quem gravou grandes versões

das sonatas de Brahms.

Mas, irrequieto, Yo-Yo Ma está sempre envolvido em novos e ousados projetos. Em especial, é um grande defensor da música contemporânea americana, tendo estreado 12 concertos dedicados a ela, além de ter composto versões para cello de obras de Ives e Bernstein, como no CD *Yo-Yo Ma: In America*, da Sony. Prova de seu bom gosto são os nove Grammys que enfeitam sua sala de estar.

Curioso por tudo o que se refere a arte e cultura, Ma realizou filmes sobre as *Seis Suítes para Cello*, de Bach, em que explora as relações entre música e outros meios de expressão artísticos. "Meu interesse é celebrar a

imaginação humana em toda a sua diversidade, já que creio que todas as artes estão, filosoficamente, interligadas", explica.

E ainda arranja tempo para estudar música chinesa e japonesa antiga. Ou para passar dois anos estudando e ensaiando em Nashville com um violinista country, cuja parceria renderá um disco da Sony no ano que vem. Mas isso é pouco para Ma, leitor voraz de livros de antropologia.

É possível também encontrá-lo tocando com Stephanie Grapelli, gravando *Suíte para Cello e Jazz Piano*, com Claude Bolling, e solando ao lado de ruídos computadores num encontro de música eletrônica. O que faz nas horas vagas? Pensa sobre o que é ser americano. Esperemos que ele consiga chegar a uma conclusão, algum dia. (C.H.)

**NOVE
GRAMMYS
ENFEITAM SEU
CURRÍCULO**